

Copyright © 2009 Rogério Ceni e André Plihal

Diretor editorial Marcelo Duarte
Coordenadora editorial Tatiana Fulas
Assistente editorial Karina Danza
Projeto gráfico e diagramação Ana Miadaira
Foto da capa Abril Imagens
Alexandre Battibugli
Fotos Acervo de Rogério Ceni
Ricardo Corrêa
Rubens Chiri
Preparação Alessandra Miranda de Sá
Revisão Alexandra Costa da Fonseca
Telma Baeza G. Dias

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C389m

Ceni, Rogério

Maioridade penal – 18 anos de histórias inéditas da
marca da cal contadas por André Plihal, Rogério Ceni.
– São Paulo: Panda Books, 2009.

1. Ceni, Rogério. 2. Jogadores de futebol – Brasil –
Biografia. 3. São Paulo Futebol Clube. I. Plihal, André.
II. Título.

09-0583.

CDD: 927.96334

CDU: 929.796.332

2009

Todos os direitos reservados à
Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41 – 05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 2628-1323

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Rogério Ceni

MAIORIDADE PENAL

18 anos de histórias inéditas
da marca da cal

Contadas por André Plihal

2ª impressão



À entidade SPFC; a todos os profissionais que conviveram comigo durante estes 18 anos e que de alguma forma contribuíram com meu crescimento; aos meus amigos de verdade; ao meu Pai, que nunca mediu esforços para que esta história tivesse um começo; à minha esposa Sandra, que sempre esteve ao meu lado me dando a força e o equilíbrio para continuar; para minhas filhas Beatriz e Clara, razão da minha vida; e para você minha Mãe, meu amor eterno.

Rogério Ceni

Para quem me deu mais do que a vida, Heloísa.

Para quem me deu mais do que sentido à vida, Kika.

Para quem espero dar o amor e os exemplos de vida que recebi, Maria Clara.

André Plihal

prefácio

Tal qual um time que ainda não entrou em campo e, portanto, não sabe o placar final do jogo, também não sei como termina este livro. Aliás, nem como começa. Propositadamente, não li uma página sequer. Reservei-me o direito de lê-lo apenas quando publicado, tal qual o torcedor comum, a fim de poder comentá-lo em seguida com outros tantos que também o estarão lendo, com certeza. Pelo que ouvi dizer, este livro deverá render resenhas de apaixonados por futebol, discussões, bate-papos e mesas-redondas informais. E de que me adiantaria ter o prazer antecipado se não pudesse dividi-lo? Por isso, peço desculpas aos leitores se esperavam deste prefácio uma impressão pessoal sobre a obra.

Mas, se por um lado o jogo ainda será jogado, por outro, esta obra tem o componente mais importante para garantir uma partida de qualidade, um clássico, final de campeonato ou jogo de decisão antes mesmo de a primeira página começar: talento e profissionalismo.

E, se em uma partida temos muitas vezes talento e profissionalismo nos dois lados do campo, aqui eles jogam juntos, do mesmo lado: Rogério Ceni e André Plihal – talento reconhecido

por incontáveis partidas e centenas de reportagens. Visão de jogo bastante particular dos dois que, com certeza, foi compartilhada nos diversos momentos em que se encontraram e começaram a dar corpo a estas páginas.

Não deve ter sido tarefa fácil para Plihal tirar do Rogério relatos inéditos dos seus 18 anos de profissionalismo. A vida do maior goleiro-artilheiro de todos os tempos do futebol já foi contada por Fausto Silva, ao vivo, em pleno domingo à tarde, pelo site da Fifa, chegou à televisão japonesa, foi narrada por incontáveis revistas, pelo *Guinness Book of Records* e outros tantos sites de torcedores. Ou seja, contar algo que ninguém sabe parece tarefa árdua, e ter a coragem de usar a palavra “inédita” na capa do livro deixa claro que Plihal conseguiu.

O jogo promete. O juiz já está com o apito na boca, e você, com o livro na mão. Agora é só deixar os olhos passarem atentos a todos os lances. E, se até hoje Rogério nunca perdeu nenhuma partida em que fez gol, *Maioridade penal* tem cheiro de goleada.

Rui Branquinho

Presidente de criação e planejamento da W/

sumário

Palavra dos autores _ 10

Rogério Ceni _ 10

André Plihal _ 11

Para poucos _ 14

Avant-première _ 19

O goleiro amarelo _ 21

Mãos ao alto e pés descalços _ 23

Meu goleiro garante _ 25

Trinta de três _ 28

O ex-pé murcho _ 30

O meu Everest _ 32

O pastor impiedoso _ 35

Borbulhas de amor e de agonia _ 37

Olê, olê, olê... Telê, Telê! _ 39

Atestado de qualidade _ 42

Uma estrela _ 45

Tapa-penales _ 47

Falem bem, mas falem de mim _ 50

Viagens inesperadas _ 53

Reserva satisfeito _ 55
Eu sou você amanhã _ 57
Conquista nas alturas _ 60
A evolução da espécie _ 62
Proposta quase irrecusável _ 64
De Chopinzinho a Belém _ 66
Canarinho indomável _ 68
A sério demais _ 71
Talismã remendado _ 73
Não é todo domingo que chove _ 75
Sem licença para bater falta _ 77
Vítima de escorregões _ 80
Golaço _ 83
Perder pode não ser de todo mal _ 86
Vinte e oito dias _ 88
A taça é nossa, a língua é deles _ 91
Mudança de rota _ 93
Meia-volta, vou ver Oswaldo _ 96
Apertem os cintos... o treinador sumiu _ 99
Limpando o meio-campo _ 104
Diferentes tipos de lágrimas _ 107
Libertando fantasmas _ 111
A vaga no *freezer* _ 117

Entrou Waters _ 119
Meu jogo de Copa _ 122
Defendendo e atacando a América _ 124
Perdas sem volta _ 129
Entrei num livro _ 133
Festa de 15 anos _ 136
Uma questão de corporativismo _ 141
Intransponível _ 144
Ficou na vontade _ 148
Fiéis escudeiros _ 150
Aposte sempre no melhor _ 152
Muitas camisas de um único clube _ 155
A compensação de uma mancada _ 158
União estável _ 162
Ensaio no túnel _ 165
No garrafão da pequena área _ 167
O dono do mundo _ 170
Considerações finais _ 181

Títulos conquistados _ 183
Prêmios individuais _ 184

palavra dos autores

ROGÉRIO CENI

10

Antes de tudo, gostaria de dizer que é uma enorme satisfação recebê-lo como leitor de meu livro. Espero que fique bastante à vontade, como se estivesse abrindo a geladeira de minha casa em vez de um livro; saiba que eu faria o mesmo se estivesse na sua – mania que tenho desde garoto. Quando ler “O meu Everest” (p. 30), você vai entender melhor.

Lendo algumas destas histórias, você descobrirá outras curiosidades, detalhes da minha personalidade e da minha vida. Alguns, garanto, bastante curiosos.

Sempre tive vontade de dividir minhas histórias com gente que gosta de mim. Já contei parte delas, superficialmente, em programas de TV, revistas e jornais. Há pouco atingi a maioria profissional, por isso queria algo definitivo: um livro.

O tempo, muitas vezes escasso, desencoraja esse tipo de projeto. A maior dificuldade é começar.

Arrisquei escrever as primeiras linhas em novembro de 2008, na semana do jogo contra o Figueirense, fase decisiva do

Campeonato Brasileiro.

Ganhamos dos catarinenses. Íamos agora enfrentar o Vasco em São Januário, mas, entre as duas partidas, eu e André Plihal demos uma bela adiantada no material. O mesmo aconteceu na semana seguinte, após o São Paulo bater o Vasco, antes de receber o Fluminense no que poderia ser o jogo do título. Como não foi, perdemos uma semana de trabalho. Eu não tinha cabeça para me lembrar de nada. E fazia questão de qualidade! Não tanto porque é a minha história, mas principalmente porque este livro foi feito para você.

Escrever dá mais trabalho do que eu imaginava. E olha que este trabalho teve uma “forcinha”, porque foi concebido na melhor hora possível: já nasceu TRI-HEXA.

Seja bem-vindo ao meu mundo!

ANDRÉ PLIHAL

Vi o Rogério pela primeira vez na decisão do Campeonato Metropolitano Juvenil de 1990. Ele pegava um pênalti contra o Corinthians, façanha contada nas páginas a seguir.

Na mesma época eu o encontrei algumas vezes na parte social do São Paulo: jogando gol a gol no campo de futebol society, na lanchonete fazendo uma “boquinha”...

Sou dois anos mais novo que ele e nem sonhava ser jornalista. Mas, ainda que sem o faro desenvolvido, conseguia perceber que aquele cara tinha algo de diferente. Só não sabia o quê.

Profissionalmente, só vim a conhecê-lo em 1997, ano em que, de produtor, me tornei repórter, e ele, de goleiro reserva, virou o titular.

Um dia, no Centro de Treinamento, pedi ao Rogério que me desse uma entrevista. Pedido aceito, desde que saíssemos do sol. O cinegrafista que me acompanhava não gostou de ir pra sombra nem do jeito que o Rogério falou. Não quis atrito. Fiz a entrevista normalmente, embora também tivesse ficado um pouco incomodado.

Demorou certo tempo para nos aproximarmos. Não havia absolutamente nenhum problema; era apenas questão de oportunidade. Ela apareceu na Copa de 2002, na preparação para o Mundial. Rogério topou subir comigo em uma das torres da Petronas, em Kuala Lumpur, Malásia. A partir dessa matéria, passamos a conversar com mais frequência.

É nítida a minha lembrança de um jantar em Salvador, fim de 2004. Rogério ainda lamentava a perda da Libertadores daquele ano, considerando-se obcecado pelo torneio. No ano seguinte, Rogério Ceni foi campeão da América.

Também me recordo claramente de um papo que tivemos na véspera da decisão do Mundial de Clubes. Rogério falava da representatividade de uma vitória sobre o Liverpool, do quanto cobiçava o título no Japão. No dia seguinte, Rogério Ceni foi campeão do mundo, sendo o grande nome da final.

Lembro-me perfeitamente da construção deste livro, durante a fase mais aguda do Brasileiro de 2008. É absurdo o nível de comprometimento do Rogério com o trabalho. Fui testemunha de que os seus jogos sempre começam bem antes, e só terminam bem depois.

Não à toa, ao fim da temporada, Rogério Ceni se tornou o primeiro capitão a levantar o troféu de campeão nacional por três anos consecutivos.

Competitivo ao extremo, superprofissional, líder do bem, inegavelmente vencedor. Ótimo pai e marido, amigo de todas as horas, generoso sem mostrar que é.

Carreguei nos adjetivos? Não acho. O nome mais importante da história de um dos maiores clubes do país tem de pertencer a alguém com excesso de qualidades. E de bons “causos”, é lógico. São mais de 18 anos de estrada.

Encontre uma sombrinha legal e veja – ou melhor, leia – se eu não tenho razão.

Para poucos

“BOA TARDE, TRICAMPEÕES BRASILEIROS.” Foi dessa maneira que o meio-campo Hernanes nos saudou no dia seguinte ao empate com o Palmeiras – resultado que, na primeira garfada, amargou nossas bocas (afinal, vencíamos por 2 X 0), mas que, depois de digerido, caiu bem demais.

O Palmeiras não abriu muitos pontos em relação ao São Paulo, e o mais importante: retomamos a posição de time vencedor.

As pessoas me perguntam se entramos “mordidos” naquele jogo pela eliminação no Campeonato Paulista (perdemos a semifinal para o Palmeiras), e algumas relacionaram minha boa atuação como revide ao gol do Léo Lima, o primeiro da derrota por 2 X 0 no Paulista.

Começo a resposta me defendendo sobre um lance, em campo, indefensável. Se o Léo Lima chutasse outras nove bolas iguais, mais nove vezes elas entrariam. Primeiro porque não vi a bola sair do pé do meia do Palmeiras. Só a vi depois de o Hernanes se abaixar. Segundo (e principal motivo), tem a ver com a própria bola do Campeonato Paulista de 2008: bola que balança, balança, e muda de rumo de repente.

O chute do Léo Lima, forte por sinal, tinha como endereço o canto esquerdo. No meio do caminho balançou e foi para o meio. FOI IMPOSSÍVEL DEFENDER! Jamais me jogaria pro lado esquerdo numa bola que vai pro meio.

Águas passadas, minha explicação para a ótima partida que fizemos está no tanto que fomos provocados na semana do jogo. Não falo das declarações dos jogadores palmeirenses, que assumiram o favoritismo do clássico. Eu mesmo considerava o rival favorito. Não foi o que disseram; foi o que fizeram. Pode parecer bobagem, mas as rosas mandadas pela torcida do Palmeiras para o CT (Centro de Treinamento), o muro pintado de rosa na entrada dos visitantes no Parque Antártica, o papo de que ganhariam fácil da gente, de que o campeonato já era deles... Tudo isso foi perturbando.

Fortalecidos pelo desempenho no clássico, vencemos os seis jogos seguintes, dois com certa folga: 3 X 0 no Internacional e 3 X 1 no Figueirense. E quatro por diferença mínima de placar: 2 X 1 no Vitória (de virada), 2 X 1 no Botafogo (minha estreia no Engenhão), 3 X 2 na Portuguesa (gol do atacante Borges nos minutos finais) e 2 X 1 no Vasco (no intervalo estávamos atrás do Grêmio).

O título poderia ter vindo na penúltima rodada, contra o Fluminense, no Morumbi lotado.

Não veio. O São Paulo jogou pouco, e o Fluminense, muito. Levantei as mãos pro céu com o empate conquistado num chute "mascado" do Borges. A derrota nos obrigaria a vencer o Goiás. O empate nos dava a possibilidade de dois resultados nesse último jogo.

Cheguei ao vestiário e vi todo mundo cabisbaixo. Compreensível... Era a chance de festejar o tri com a torcida e abreviar

o sofrimento. Nunca tinha ficado tão nervoso quanto nas últimas semanas do Brasileiro de 2008. A última semana, então, tinha sido coisa de louco.

O título mais improvável se tornara, num estalo repentino, um título imperdível. Esse era o tom.

Concordava apenas com a primeira parte. Quando perdemos para o Grêmio no Olímpico, na primeira rodada do retorno, achei que nossas chances de conquista estivessem sepultadas. Não só pelos 11 pontos de distância do líder, o Grêmio. Cruzeiro, Palmeiras e Botafogo também estavam na frente do São Paulo. Como tirar tantas diferenças?

Lembro-me de que nas minhas contas precisávamos de um aproveitamento de 75% dos pontos até o fim da competição – número aparentemente inviável para um time que sequer vivia nas comemorações de gol.

A extraordinária recuperação no segundo turno, que atingiu um percentual supostamente inatingível, fazia do São Paulo o campeão virtual. Mas virtual não é *real*. Além disso, falar de fora é muito fácil.

Duas particularidades dominaram o noticiário na semana da decisão: obrigado a jogar no Gama-DF como punição por uma briga de torcidas no Serra Dourada, o Goiás ameaçou elevar o preço dos ingressos a 400 reais. Preço único. Mil por cento de aumento!

Se o Bezerrão (estádio da partida) lotasse, o Goiás ganharia um ótimo dinheiro. Se ficasse vazio, o time goiano deixaria de ser pressionado pela torcida são-paulina, enorme na região.

A pressão começou antes. Foi iniciada pelos órgãos de defesa do consumidor, passou pela CBF, terminando num acordo

que limitava o valor do ingresso a 250 reais, com alguns setores ao preço de 75 reais. Já a denúncia de tentativa de suborno do árbitro do jogo, Wagner Tardelli, e a consequente troca de juiz em cima da hora, mexeram mais com a rotina dos jornalistas do que com a nossa. Minha única preocupação estava na possível inexperiência do substituto de Tardelli. O mais importante era saber que, fazendo tudo direitinho no domingo, não havia como perder o campeonato.

A preleção do Muricy foi excelente. Ele descreveu os dois times com perfeição. Acertou o posicionamento, atrás da linha da bola, jogando em contra-ataque. E fez um pedido especial ao Richarlyson, escolhido para ocupar a vaga do suspenso Jean:

– Richarlyson, eu não quero que você saia pra lado nenhum, direita, esquerda... Você é primeiro volante; quero que fique cravado no meio, pegando o Paulo Baier. Não é pra ir pro ataque hora nenhuma! Quero que jogue ali, e ali ele (Paulo Baier) não vai jogar.

Richarlyson foi, na minha opinião, o melhor em campo. Taticamente fez tudo que o técnico pediu. Anulou o Paulo Baier, liberou Hernanes e Hugo, e ainda saiu pro jogo umas duas, três vezes. Muricy nem se importou.

O time em geral foi de uma aplicação de tirar o chapéu.

A tensão dos últimos dias logo daria lugar a uma confiança impressionante. Com dois minutos de bola rolando, senti que seríamos campeões. Havíamos incorporado o espírito “brigador” no vestiário, pouco antes da reza. Não me recordo exatamente das palavras que usei, mas falei dos nossos filhos, do que deixaríamos para o futuro, para a eternidade. Falei da proximidade do feito inédito, da chance única do tricampeonato brasileiro.

Curiosamente, o gol do tri saiu em três toques: o da minha cobrança de falta, o do passe do Hugo e o do gol daquele que não perdoa. Borges, é evidente.

A torcida acompanhou o ritmo da equipe. Noventa minutos de cantoria, metade desse tempo debaixo de um temporal. Quem é que vai ligar pra chuva ganhando um campeonato desses, o mais desgastante entre todos os que conquistei?! (Cheguei a baixar o peso.) O mais difícil, mais que histórico. Sem dúvida alguma, o mais gostoso!

Na viagem de volta, nossos semblantes e nosso comportamento chamaram a atenção da tripulação.

– Que diferença da ida – brincou uma das comissárias.

O comandante também resolveu falar:

– Boa noite, passageiros. Bem-vindos ao voo 633, com destino a São Paulo. É um grande orgulho transportar o time tricampeão brasileiro de futebol!

Desconfio que ele seja são-paulino...

Até hoje tenho dificuldades para entender como ganhamos este Brasileiro. Sei apenas que esta geração fez do São Paulo, com sobras, o maior clube do Brasil.

Hernanes estava certo ☺

Avant-première

FUI CAMPEÃO DA PRIMEIRA COMPETIÇÃO que disputei: o Campeonato Mato-Grossense de 1990. Esse foi também o primeiro título estadual do Sinop Futebol Clube, o primeiro na história de uma equipe do interior. Tinha 17 anos e treinava com seriedade há menos de três meses – o bastante para aprender a me virar debaixo do gol. Na realidade, a gente aprende mesmo é na prática, que muitas vezes se inicia antes do previsto.

Marília e Valdir Braga, respectivamente primeiro e segundo goleiros do Sinop, se machucaram durante o primeiro turno do campeonato. Apesar de única opção para substituí-los, temia ser preterido por algum jogador de linha.

O técnico Nilo Neves, responsável por me dar a base da posição, preferiu não inventar, escalando-me no jogo fora de casa contra o Cáceres, o chamado “Crocodilo do Pantanal”. A partida terminou empatada em 1 X 1. Apresentei um bom desempenho e não saí mais do time.

Esse é o resumo da história, tão sucinto que deixou de fora a melhor parte. PROPOSITADAMENTE. O melhor merece destaque.

No primeiro tempo, com o jogo ainda em 0 X 0, o Cáceres teve um pênalti marcado a seu favor. Chance de o adversário sair na frente... chance de me tornar goleiro. Eu aproveitei bastante! Canto direito, meia altura, e eu nela, no tempo certo.

O Geraldão de Cáceres, estádio com capacidade para 5 mil torcedores, foi o local em que dei o primeiro passo de minha carreira. Devo ter saído de campo com as chuteiras sujas de lama. Por dentro, com certeza, aquele sentimento que se tornaria familiar depois de outras tantas boas jornadas no Morumbi, Maracanã, Mineirão, Centenário, Monumental de Nuñez, Internacional de Yokohama...